



## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS PROVAS DO ENEM (2009-2022): ASPECTOS QUANTITATIVOS E TEMÁTICOS



### LINGUISTIC VARIATION IN ENEM TESTS (2009-2022): QUANTITATIVE AND THEMATIC ASPECTS

Thais ESTOLANO  
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dennis CASTANHEIRA  
Universidade Federal Fluminense, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 06/11/2023 • APROVADO EM 20/06/2024  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1324>

---

#### Resumo

---

A variação e a mudança linguísticas são inerentes a todas as línguas, e seu entendimento é necessário aos falantes para que se adequem às situações comunicativas com as quais podem se deparar no dia a dia. Às escolas, então, cabe a reflexão sobre esses assuntos para tornar os discentes proficientes em sua língua materna. Por sua vez, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma prova nacional que visa a avaliar o ensino básico do país e possibilitar o ingresso de alunos recém-egressos do Ensino Médio às Instituições de Ensino Superior. O presente trabalho tem como objetivo analisar as questões sobre

variação e mudança linguística nas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem de 2009 a 2022 à luz da Sociolinguística. Nossa hipótese é de que, nesses 14 anos que serão analisados, o número de questões voltadas à variação e à mudança linguísticas em cada prova aumentou, bem como sua abordagem foi mais diversificada, extrapolando os clichês de alguns livros didáticos. Metodologicamente, a pesquisa se mostra qualitativa e quantitativa, tendo em vista que, para recolher o *corpus* a ser analisado, foi feita uma categorização das questões e sua posterior quantificação. Nossos resultados indicaram que houve uma diminuição da quantidade e da diversidade das questões, o que demonstra que nossa hipótese foi refutada.

---

## Abstract

---

Linguistic variation and change are inherent in all languages, and their understanding is necessary for speakers to adapt to the communicative situations they may encounter on a daily basis. It is up to schools, then, to reflect on these issues to make students proficient in their mother tongue. In turn, the National High School Examination is a national test that aims to assess basic education in the country and enable the admission of recent high school graduates to Higher Education Institutions. The present work aims to analyze the questions about variation and linguistic change in the tests of Languages, Codes and their Technologies of the Enem from 2009 to 2022 in the light of Sociolinguistics. Our hypothesis is that, in these 14 years that will be analyzed, the number of questions focused on variation and linguistic change in each test increased, as well as their approach was more diversified, extrapolating the clichés of some textbooks. Methodologically, the research is qualitative and quantitative, considering that, to collect the corpus to be analyzed, the questions were categorized and subsequently quantified. Our results indicated that there was a decrease in the number and diversity of questions, which demonstrates that our hypothesis was refuted.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Variação linguística. Sociolinguística. Ensino. Língua portuguesa. Exame Nacional do Ensino Médio.

**Keywords:** Linguistic variation. Sociolinguistics. Teaching. Portuguese language. National High School Examination.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado, em 1996, com o intuito de analisar o ensino brasileiro a partir da performance dos alunos recém-egressos do ensino básico. Com o passar dos anos, contudo, tal prova adquiriu novas funções, sobretudo enquanto forma de ingresso às Instituições de Ensino Superior (IES) do país.

Considerando a sua importância e sua abrangência nacional, foi necessária uma reformulação, bem como a criação de novos programas que facilitassem o acesso às IES, como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu). Tanto o Sisu quanto o Novo Enem foram criados em 2009 e, desde então, essa prova se consolida, a cada ano, como o maior vestibular do país. Os principais objetivos de tal remodelação

foi alcançar um maior número de possíveis ingressantes no ensino superior, além de democratizá-lo também espacialmente, visto que, a partir de uma prova nacional e de um sistema unificado on-line, os participantes poderiam se inscrever em seus cursos almejados, mesmo que distantes fisicamente da IES pretendida.

Nesse ínterim, criou-se uma nova Matriz de Referência do Enem, abarcando mais conteúdos e áreas do conhecimento. Em particular, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, 9 Competências foram estabelecidas, das quais se desenvolvem 30 Habilidades. Dentre essas competências, institui-se uma voltada exclusivamente ao tema da variação linguística (a saber, Competência 8), explicitando a imprescindibilidade de sua presença em todas as provas a partir da implementação da nova Matriz.

A variação é o foco do estudo da Sociolinguística Variacionista – também conhecida como Sociolinguística Laboviana ou Teoria da Variação e Mudança Linguística (Coelho *et al.*, 2021) –, vertente da Linguística criada por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog nos anos de 1960. Tal linha de pesquisa concentra-se na língua a partir de sua visão como um sistema heterogêneo, que permite variações e mudanças. Essas variações advêm de fatores linguísticos e extralinguísticos, fazendo com que os sociolinguistas considerem, também, suas motivações sociais.

De fato, a abordagem social desse estudo permite que a discussão chegue ao preconceito linguístico, uma vez que, muito comumente, há estigmas voltados a determinados falares, motivados, principalmente, pelo lugar social de quem o emprega. Assim, é fácil que percebamos, no dia a dia, afirmações que deslegitimam a capacidade cognitiva de indivíduos que não promovem a concordância do plural dos nomes, por exemplo, haja vista que esse é um desvio da norma-padrão, a com maior prestígio da sociedade.

É papel da escola, então, dirimir tal preconceito, objetivando que seus alunos não sejam perpetuadores desses ideais errôneos, ou mesmo suas vítimas. Com efeito, documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), já postulam a importância da discussão sobre variação linguística em suas diretrizes. Para mais, ambos documentos aludem a relevância de uma educação que combata o preconceito linguístico e aborde, em sala, todas as normas presentes no Português Brasileiro (PB), de forma a tornar os discentes cidadãos proficientes na língua materna e capazes de se adequar a diversas situações comunicativas.

No entanto, muito se discute sobre a educação brasileira ainda estar pautada em um ensino conteudista, focando na língua como um sistema homogêneo e privilegiando a norma-padrão em detrimento das variedades não-padrão – as quais são mais caras e comuns aos alunos da educação básica, devido a suas vivências individuais (Faraco, 2008; Ribeiro, 2021). Esse ensino excludente mostra-se muito prejudicial aos estudantes, já que tal unilateralidade linguística poderia promover uma ineficiência leitora, escritora e comunicativa aos brasileiros.

Com o entendimento de que o Enem é o maior vestibular do país e que as escolas brasileiras têm voltado seus currículos cada vez mais visando à aprovação de seus discentes em tal prova, é importante que percebamos, de forma analítica, como o exame aborda a questão da variação linguística, por meio do respaldo nos

estudos Sociolinguísticos e nos documentos oficiais. Essa análise se justifica pela necessidade de uma abordagem mais efetiva de tal tema no ensino básico brasileiro, para além da discussão da variação linguística como um conteúdo individual, ou mesmo de sua restrição ao debate das variações lexical e regional.

Diante de todos os pontos apresentados, o presente trabalho tem como objetivo analisar as questões sobre variação e mudança linguística nas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem a partir de um olhar Sociolinguístico. O *corpus* dessa análise será composto pelas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias regulares do Enem desde sua reformulação, em 2009, até 2022, não agregando as possíveis reaplicações, as provas digitais ou os exames destinados a Pessoas Privadas de Liberdade (PPL). Consideramos a hipótese de que, nesses 14 anos que serão analisados, o número de questões voltadas à variação e à mudança em cada prova aumentou, bem como sua abordagem foi mais diversificada, extrapolando os clichês de alguns livros didáticos.

A partir desta introdução, portanto, o presente trabalho será constituído pela fundamentação nos estudos Sociolinguísticos, pela apresentação da metodologia de pesquisa e da análise de questões selecionadas a partir do *corpus* citado, pelas conclusões atingidas decorrentes de tais análises e pelas referências citadas.

## Sociolinguística e ensino

Para que possamos analisar o tema da variação linguística nas provas do Enem, é necessário que, antes, discutamos, de forma breve, sobre os estudos da Sociolinguística (Coulmas, 2001) e o seu tratamento nas aulas de Língua Portuguesa. É possível afirmar que a variação está presente em todas as línguas naturais e, em um país de proporções continentais, como o Brasil, há diferentes variedades, que podem ser caracterizadas de distintas maneiras, configurando uma heterogeneidade ordenada (Ribeiro, 2021).

No entanto, as variedades dentro da língua não são a única forma de diversidade linguística presente no Brasil. Apesar de haver um imaginário geral de que o Brasil é um país monolíngue, ou seja, que fala somente uma língua – a Língua Portuguesa –, estudos etnográficos e sociais permitem-nos dizer que o país é plurilíngue. Para ilustrar tal conceito, Oliveira (2010, p.1) esclarece que

[...] no Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Somos, portanto, como a maioria dos países do mundo – em 94% dos países do mundo são faladas mais de uma língua – um país de muitas línguas.

Dessa forma, tal redução ao monolinguismo é, consoante o autor, um projeto político herdado desde a invasão do Brasil. Isso porque, em processos de assimilação de culturas, é comum o “glotocídio” – assassinato de línguas – em vista de impor a língua do colonizador. No Brasil, esse processo pode ser observado no

fato de que, no momento da chegada dos portugueses, em 1500, havia aqui cerca de 1.078 línguas indígenas, as quais foram drasticamente reduzidas.

Além disso, muitos imigrantes e seus descendentes falantes de outras línguas, como o alemão e o italiano presentes principalmente na região Sul do país, foram proibidos, na época ditatorial do Estado Novo, de falarem suas línguas, sob pena de “crime idiomático” (Oliveira, 2010, p. 3). Assim, embora políticas, como a inclusão, na Constituição brasileira e, posteriormente, na Lei de Diretrizes e Bases (1996), do reconhecimento do direito indígena às suas línguas (Oliveira, 2010) e da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como segunda língua oficial do país – Lei nº 10.436 – (Morello, 2018), sejam importantes para o reconhecimento do Brasil como país plurilíngue, a história nacional é permeada de tentativas de apagamento dessas culturas.

É relevante, ainda, entender que tais variações não são aleatórias, mas sim motivadas por condicionadores linguísticos e extralinguísticos – como gênero, faixa etária, entre outros. A junção de tais condicionadores explica variações em níveis linguísticos – variação lexical; variação fonológica; variação morfofonológica, morfológica e morfossintática; variação sintática; variação discursiva – e em níveis extralinguísticos – variação regional (geográfica ou diatópica); variação social (diatrática); variação estilística (diafásica); variação na fala e na escrita (diamésica). Em um estudo Sociolinguístico, pesquisadores podem entrecruzar tais variações para analisar o uso de determinadas variantes, por exemplo.

Outro tópico de grande relevância é o preconceito linguístico. Callou (2008) volta ao momento da colonização do Brasil, denunciando as raízes desse olhar estigmatizante acerca de certos falares para abordar o ideal cristalizador do Português Europeu em detrimento do Português Brasileiro, em que a norma era vista sempre como melhor quando mais próxima àquele. Dessa maneira, “o projeto linguístico, embutido no contexto maior de um projeto educacional, deu-se no sentido de negar o uso linguístico de grande parte da população brasileira” (Callou, 2008, p. 63). Tal negação se juntou à precária educação nacional que, desde o século XVI até o XIX, proibiu o estudo para as mulheres e, até o XX, afastou boa parte dos brasileiros dos centros acadêmicos, seja por problemas econômicos, regionais ou mesmo por uma superlotação das escolas. Retornando ao século XXI, a autora afirma que os problemas permanecem, sobretudo, no que concerne ao ensino da língua, o qual ainda está associado à norma lusitana cristalizada e dissociado da realidade linguística brasileira.

Com enfoque na produção escrita, Vieira (2020) aborda que esse processo é efetivado a partir das generalizações que os indivíduos fazem mediante suas experiências linguísticas, as quais advêm principalmente da educação linguística. Essas são possíveis graças ao fato de a Língua Portuguesa ser um “diassistema” cognitivo e social, ou seja, “um supersistema virtual que resulta de um complexo de normas linguísticas” (Vieira, 2020, p. 38), em que há estabilidade – relativa – e instabilidade – entendida aqui como heterogeneidade e dinamicidade.

Com a pluralidade de normas acessíveis ao falante, Vieira (2020) cita a “prática estilística”, conceito-chave para a terceira onda Sociolinguística. Em contraposição a uma abordagem “macrossociológica” da primeira onda – a qual se baseia em categorias sociodemográficas amplas – e à abordagem “local” da

segunda onda – com uma coleta de dados feita a partir de maior envolvimento na comunidade de fala –, a terceira onda se baseia em uma abordagem “estilística”.

Para entendermos melhor o enfoque de cada uma das ondas Sociolinguísticas, cabe nos debruçarmos um pouco sobre os estudos de Eckert (2012). Segundo a autora, a primeira onda pode ser observada nos estudos de Labov em Nova York, como a já citada experiência em lojas de diferentes estratos sociais da cidade. Essas pesquisas determinaram um padrão regular de estratificação socioeconômica das formas linguísticas, com grande diferença regional e étnica (Eckert, 2012). Dessa forma, os resultados dos estudos dessa onda indicam que a variação está ligada às categorias usadas para classificar os falantes, em vez do conhecimento do próprio falante e de sua comunidade (Eckert, 2012).

Ainda segundo Eckert, a segunda onda associa o vernáculo a uma expressão do lugar ou da identidade de classe do falante, de forma intencional, e não como uma característica inerente (Eckert, 2012). Um exemplo de tal abordagem é o estudo de Labov (1963) na ilha de Martha’s Vineyard, em que os falantes adotaram realizações fonéticas locais, baseados no prestígio regional, em detrimento das marcas associadas ao prestígio externo, falada por grupos influentes (Drager, 2015).

A terceira onda, por fim, considera a variação como um reflexo de identidades sociais, em que o falante se coloca na sociedade a partir de práticas estilísticas (Eckert, 2012). Entende-se, aqui, que os indivíduos se portam socialmente – como forma de se inserir no mundo – mediante escolhas de traços que atestam sua identidade. Essas decisões perpassam formas de se vestir, de se maquiar, de andar e, claro, as formas de falar. Como exemplo de estudos nessa linha, a autora apresenta um estudo de Zhang (2005, 2008) sobre o falar de jovens gerentes chineses alocados em Pequim que trabalham em empresas estrangeiras, chamados “yuppies”. Tal grupo apresenta marcas linguísticas muito diferentes dos gerentes de empresas locais, aproximando-se dos falares de Hong Kong e Taiwan, trazendo o discurso “yuppie” para a esfera transnacional (Eckert, 2012). A autora conclui, assim, que os “yuppies” e os gerentes estatais não nasceram com estilos distintos, mas os desenvolveram como diferenciação social no local de trabalho (Eckert, 2012).

Dessa maneira, Vieira expõe que a escola não deveria somente trabalhar com a escrita focada na norma exemplar, ignorando as potencialidades da língua, visto que a produção escrita também é lugar de variação e de expressão de identidades. Outro exemplo utilizado pela autora para ilustrar a imprescindibilidade de um estudo variacionista na escrita é a presença de variação linguística mesmo na gramática normativa, como “a descrição de sujeito partitivo, que considera como legítima, além da concordância com o núcleo (do sujeito) singular, como na regra geral de concordância verbal, a concordância no plural com o termo nominal plural no adjunto” (Vieira, 2020, p. 48). Logo, expõe-se que a variação não é intrínseca somente às normas populares, e sim a todas as normas da língua.

Fica claro, em suma, que a noção de erro atrelada a determinadas variáveis é algo completamente motivado por questões sociais. Então, para que os cidadãos não sejam perpetuadores de preconceito linguístico ou mesmo vítimas dele, é

importante que a escola assuma uma visão Sociolinguística em suas aulas de Língua Portuguesa, visando ao entendimento geral de que a variação é algo intrínseco a todas as línguas. Afinal, “os chamados ‘erros’ que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 9).

Ao concentrarmos nossa discussão na abordagem Sociolinguística nas salas de aula, é relevante aludir o que os documentos oficiais dizem sobre o tema. Os PCN (1997) citam a variação de forma mais explícita quando se afirma que o português no Brasil tem muitas variedades dialetais identificadas por questões sociais. Pode-se perceber que, já em 1997, em um documento que trata de diretrizes pedagógicas para todas as escolas brasileiras, o tema da variação é apresentado de forma condizente aos estudos Sociolinguísticos, citando, ainda, a questão do preconceito linguístico como algo a ser combatido.

Por sua vez, mais de 20 anos depois, a BNCC (2018) também versa sobre a variação ao longo de sua extensão de modo concordante à Sociolinguística. É importante ressaltar que esse documento não se trata de um currículo em si, e sim de uma base curricular, a qual prevê que cada escola trabalhe com o seu contexto social, “respeitando as diversidades (sejam elas de origem social, histórica, cultural) que circundam o alunado” (Patriota; Pereira, 2018, p. 298). Tal menção às diversidades abrem espaço para a discussão Sociolinguística, visto que a variedade da língua perpassa, também, questões sociais, históricas e culturais. Nesse sentido, a BNCC (2018) aborda, em alguns momentos, de forma implícita e explícita, a discussão sobre a variação linguística.

Em um primeiro momento, na parte introdutória do componente “Língua Portuguesa”, há uma menção ao dinamismo da língua, em que se ressalta, como direito de aprendizagem do aluno, o contato com a multimodalidade da língua. Para Patriota e Pereira (2018), trata-se de uma menção indireta à variação, pois já traz a ideia de uma língua com modalidades diferentes, as quais devem ser passadas ao aluno na escola.

Segundo Patriota e Pereira (2018), há, ainda, a menção à identidade como caracterizadora da pluralidade linguística. Dessa maneira, a Base evidencia a importância também individual para o processo construtivo e de autoconhecimento dos discentes que, em um momento importante para o autodescobrimento, como os Anos Finais do Ensino Fundamental, devem ser guiados e possibilitados a cultivar sua alteridade a partir da variação linguística.

Em uma abordagem mais explícita, no eixo da oralidade, o documento prevê, no subtópico “Relação entre fala e escrita”:

- Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.

- Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros.
- Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto. (Brasil, 2017, p. 80)

Explicita-se, nesse trecho, a importância da inserção, nas aulas de todo o Ensino Fundamental, do debate e de atividades sobre a variação diafásica, levando em consideração o contínuo proposto por Bortoni-Ricardo (2004), os quais levam os discentes ao pensamento crítico e ao uso consciente de tais modalidades da língua.

Em um segundo momento, o documento aborda, como objeto de conhecimento para as aulas de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano, a variação linguística, a que atribui as seguintes habilidades:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (Brasil, 2017, p. 161)

Fica nítida, mais uma vez, a menção ao preconceito linguístico como algo a ser não somente combatido pelas escolas, mas debatido de forma crítica, para que haja um uso “consciente e reflexivo” da língua. Para Santos e Melo (2019), a BNCC (2018) propõe ao docente que oriente o discente em relação às adequações dos usos linguísticos de maneira contextualizada diante das situações comunicativas.

Ainda sobre a escrita, no eixo concernente a tal modalidade, encontra-se a importância da análise de “aspectos linguísticos e textuais de novas formas de escrita da internet, em registro informal, que vêm se denominando ‘internetês’” (Brasil, 2016, p. 334). Essa menção explícita à internet é muito pertinente ao contexto do século XXI, em que as comunicações do dia a dia dos indivíduos se dão cada vez mais pelas redes sociais e pelos aplicativos de mensagem instantânea, o que configura uma variação de nível diafásico. Nesse sentido, essa inserção em sala de aula é pertinente, sobretudo, para que os alunos se adequem ao contexto sociocomunicativo da internet (Patriota; Pereira, 2018).

Percebe-se, na leitura da Base, de maneira direta, a menção às variedades diafásica, diatópica e diastrática, respectivamente, sem, no entanto, estabelecer um domínio de uma sobre as outras. Além disso, tal fragmento se encontra em um eixo que deve, segundo Patriota e Pereira (2018), ser trabalhado em conjunto com a leitura, a escrita e a oralidade/sinalização. Infere-se, assim, que os conhecimentos linguísticos devem ser trabalhados de forma multidisciplinar, não isolada, a qual poderá promover “uma construção plena do saber sobre a língua para com o alunado” (Patriota; Pereira, 2018, p. 303)

Assim, a BNCC (2018) vai ao encontro da afirmação de Bortoni-Ricardo (2004, p. 74) de que é função: “da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas”. De fato, é necessário o

desenvolvimento de uma reflexão sobre a língua e a linguagem nas escolas brasileiras. Para isso, segundo Görski e Coelho (2009), o papel do docente de Língua Portuguesa não é ensinar a língua materna ao aluno, e sim instruí-lo a diferentes variedades, sobretudo a uma específica: a variedade padrão. Essa instrução, em adição, não deve acontecer de forma a substituir a norma do aluno pela norma culta, e sim torná-lo proficiente no uso da língua em diferentes contextos linguísticos, motivando-o, ainda, à utilização da variedade padrão. As autoras justificam o ensino de tal variedade, visto que é a partir dela “que foi escrita a maior parte dos textos que circulam na sociedade e é essa variedade que o aluno precisa dominar para ser reconhecido socialmente” (Görski; Coelho, 2009, p. 88). A consequência devastadora de um ensino que não privilegie esses aspectos é a manutenção das desigualdades sociais, em que as diferenças são tratadas como deficiências.

Lima (2014), em análise sobre o tema nos livros didáticos, discorre sobre a aferição dos Livros Didáticos. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) avalia e distribui tais exemplares para as escolas públicas do país, a partir de guias avaliativos dos assuntos que devem constar em cada área do conhecimento e em cada segmento da educação. No guia para os anos iniciais do Ensino Fundamental, o Programa traz como um dos objetivos focais do ensino de língua “o desenvolvimento de atitudes e capacidades envolvidas na compreensão da variação linguística e no convívio com a diversidade dialetal de forma a evitar o preconceito e a valorizar as diferentes possibilidades de expressão linguística” (Brasil, 2009, p. 18).

Essa valorização do tema da variação se estende até o guia do Ensino Médio, o qual aborda, no entanto, a variação como algo que já seria conhecido pelos alunos, o que se pode comprovar no trecho: “ampliar e aprofundar a convivência do aluno com a diversidade e a complexidade da LP em diferentes esferas de uso” (Brasil, 2011, p. 6). Fica evidente, assim, a importância dada à presença do tema da variação nos livros didáticos, de forma tão efetiva que, ao chegar ao Ensino Médio, o discente necessitará somente ampliar seus conhecimentos, não mais ser introduzido ao assunto.

A análise que se segue, todavia, mostra que nem todos os livros reconhecidos pelo Programa estabelecem tamanha importância ao tema. Para sua observação, Lima (2014) estabelece novos parâmetros criteriosos: a presença constante da variação na obra; a terminologia adequada cientificamente e acessível ao aluno; a presença de gêneros textuais representativos de situações reais de uso; e a coerência dos fenômenos com a realidade do PB (Lima, 2014). O *corpus* analisado por ele foram dois livros, um voltado ao 6º ano do Ensino Fundamental – Português: linguagens (Cereja; Magalhães, 1998; 2009) – e outro a todos os anos do Ensino Médio – Português: volume único (Maia, 2000; 2011) –, em edições do final do século XX e em edições recentes aos guias abordados anteriormente.

Seu resultado foi que ambos os livros apresentam somente um capítulo sobre variação, de forma isolada – salvo o livro para o Ensino Médio, na sua edição dos anos 2000, que nem mesmo citava o tema. Para o autor, essa realidade parece constatar que a presença do tema “não obedece a um critério científico ou social, mas sim a um critério formal de avaliação” (Lima, 2014, p. 119). Nas suas análises, também, foram encontrados termos adequados aos estudos Sociolinguísticos, mas

não didaticamente explicados aos alunos, como a razão da nomenclatura “norma culta”.

Sobre os gêneros textuais, no livro voltado ao sexto ano, nas duas edições analisadas, encontra-se somente uma tirinha do personagem Chico Bento, o qual, apesar de representar a variedade rural, não se configura como um contexto real de fala. Já o livro para o Ensino Médio (2011) apresentou dois textos que atenderam ao questionamento de Lima (2014) – uma entrevista retirada do Projeto Nurc e um trecho de jornal –, apesar de serem os únicos que abordam as questões da variação linguística em todo o exemplar. Para o último parâmetro, Lima (2014) chegou à conclusão que ambos os livros privilegiam, em suas duas edições, o PE em detrimento do PB.

Outro estudo relevante sobre Livros Didáticos é o estudo de Morello (2018), com enfoque em uma educação plurilíngue. A autora critica a política monolíngue do PNL D, visto que não há, em tais documentos, menção à diversidade de línguas presentes no Brasil. Além disso, mesmo que as línguas indígenas e a LIBRAS já possuam seus lugares nas legislações brasileiras, o mesmo não aconteceu com as comunidades linguísticas ligadas ao processo migratório, à escravidão ou aos espaços fronteiros (Morello, 2018).

Conforme a autora, a falta de tais aportes desperdiça a visibilidade que um programa como o PNL D poderia dar a tais línguas invisibilizadas, a qual possibilitaria construir cidadania e respeito às alteridades, além do maior combate ao preconceito linguístico dispensado a tais falares. Assim, Morello (2018, p. 166) finaliza sua análise justificando sua crítica a essa política monolíngue silenciadora, visto que a política monolíngue do PNL D é “uma frente de luta que abre a possibilidade de trazer para o debate as perspectivas atuais para o ensino público bilíngue ou plurilíngue”.

Portanto, ao reconhecer que o Exame Nacional do Ensino Médio, além de avaliar os conhecimentos dos recém-egressos da educação básica brasileira, também vem ditando os currículos escolares nacionais, é pertinente analisarmos a sua abordagem acerca do tema da variação linguística, para que entendamos se está condizente aos estudos Sociolinguísticos e aos documentos oficiais.

## Metodologia

Nesta seção, abordaremos a parte metodológica de nosso estudo. Para isso, discutiremos os motivos que levaram à escolha do *corpus*, a metodologia da pesquisa e os métodos utilizados para a sua realização.

O objetivo de uma pesquisa é encontrar respostas para dúvidas que surgem ao longo da vida ou do processo de conhecimento. Nesse viés, esta pesquisa surgiu de uma dúvida proveniente de estudos sobre variação e ensino: como o Enem, maior vestibular do país, trata a questão? O Enem funciona como um vestibular unificado, o qual possibilita a entrada para todas as universidades federais do país. Visto que o ensino brasileiro se mostra muito voltado ao ingresso no Ensino Superior, a forma como o Enem aborda qualquer conteúdo pode ditar como este será tratado nas instituições de Ensino Básico.

Nosso *corpus* é composto por todas as provas regulares de Linguagens, Códigos e suas tecnologias – área de nossa alçada – de tal exame, desde o ano de

2009 até 2022. Mesmo que o Enem exista desde 1998, em 2009 houve uma reformulação, não só de sua estrutura, como de suas funções e, primordialmente, de sua Matriz de Referência. Nessa nova Matriz, o tema da variação é apresentado de forma mais clara e abrangente, o que justifica nosso recorte temporal. Além disso, não utilizamos, no nosso *corpus*, as provas referentes a possíveis reaplicações, provas digitais e PPL, escolha feita para não deixar a pesquisa muito extensa.

Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa – a qual possui como noções básicas a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados – e quantitativa – a qual traduz em números informações para classificá-las e analisá-las (Kauark; Manhães; Medeiros, 2010). Essa abordagem se mostra evidente no momento em que, para recolher o *corpus* a ser analisado, foi feita uma quantificação, bem como uma categorização das questões, a fim de, posteriormente, analisá-las de acordo com nossos pressupostos teóricos. Com essa análise, almeja-se fazer um questionamento sobre os significados do resultado encontrado.

Em relação aos procedimentos utilizados, destacamos que, inicialmente, houve a observação panorâmica das provas disponíveis digitalmente, as quais foram retiradas do *site* do Inep. Isso foi feito de forma minuciosa, para selecionar as questões que abordaram o tema Sociolinguística. Essa etapa foi feita por meio de dispositivos eletrônicos, de modo que, ao encontrar questões pertinentes ao nosso estudo, era feita a captura da tela do aparelho para alocá-las em pastas do Google Drive, de acordo com o ano de sua prova.

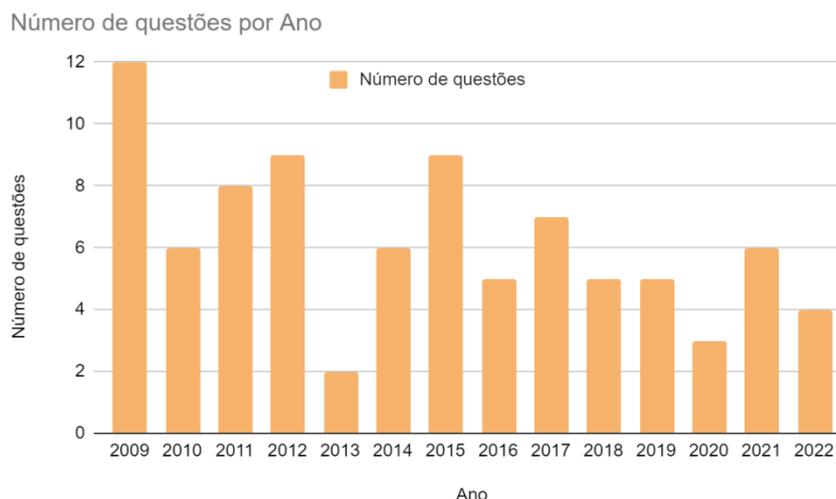
Mediante tal observação e catalogação, categorizamos tal grupo em seis grandes temas que abrangem as questões encontradas, criando novas pastas de acordo com suas categorias e, produzindo, posteriormente, uma tabela que sistematiza essa categorização. Por último, houve a seleção das questões que serão analisadas de forma mais detalhada neste trabalho, com vistas a uma abordagem representativa de toda nossa análise. A essa análise será dedicada a próxima seção deste artigo.

## **Análise**

Nesta seção, passando para a observação das questões, exploraremos a exposição da quantidade de questões sobre variação e mudança encontradas ao longo dos anos e a discussão sobre a diversidade de temas encontrados, os quais abarcam a reflexão da nossa hipótese.

O primeiro ponto abordado na hipótese foi a respeito da quantidade de questões sobre variação e mudança presentes na prova do Enem ao longo dos anos. A parte concernente a Linguagens, Códigos e suas tecnologias é composta por 45 questões, das quais 5 são referentes à Língua Estrangeira – Inglês ou Espanhol – e as outras 40 são divididas entre 8 Competências, ocupando-se dos conteúdos debatidos ao longo do Ensino Básico. Tais Competências não possuem um número pré-estabelecido de questões que abarcarão em cada prova; assim, mesmo que a Competência 8 verse sobre os temas variacionistas, o número de questões que realmente abordam o tema varia de prova a prova.

Logo, a partir de uma observação das provas regulares de 2009 a 2022 e uma contagem das questões interessantes para esta pesquisa, foi produzido o gráfico abaixo:



**Gráfico 1** – Número de questões sobre variação e mudança no Enem ao longo dos anos (2009 - 2022)

**Fonte:** elaboração nossa

Pode-se perceber, ao examinar o gráfico, uma instabilidade no número de questões encontradas. Em 2009, ano da reformulação e da criação do Novo Enem, foram encontradas 12 questões, sendo, então, a aplicação com a maior quantidade de questões encontradas na nossa análise. Esta é seguida pelos anos de 2012 e 2015, com 9 questões cada; depois, por 2011, com 8 questões; 2017, com 7; 2010, 2014 e 2021 com 6; 2016, 2018 e 2019 com 5; 2022 com 4; 2020 com 3; e, por fim, 2013, com somente duas questões, ou seja, aproximadamente 4,45% da prova de Linguagens, Códigos e suas tecnologias.

É importante dizer que 2009, o ano com maior número de questões encontradas, foi o primeiro ano do Novo Enem, quando as IES do país não haviam implementado o exame como vestibular oficial completamente – ainda, muitas o utilizavam como primeira fase de seus vestibulares próprios ou como forma de receber “bônus” no ingresso a suas instituições. Isso pode fundamentar a diferença na abordagem da questão variacionista, visto que a prova não se encontrava constituída plenamente. Esse cenário seguiu até 2013, quando finalmente todas as IFES do país assumiram o Enem como parte de seus vestibulares. Singularmente, este foi o ano com a menor quantidade de questões encontradas sobre variação e mudança.

Pode-se notar que o Enem não estipulou, ainda, uma média pertinente de questões para suas aplicações, vide a não linearidade das quantidades observada em nosso gráfico. No entanto, em um olhar mais geral, nos últimos 5 anos observados – desde 2018 –, não houve grande discrepância no número de questões, com uma média de 4,6 por prova. Em contrapartida, nos 5 primeiros anos observados – de 2009 a 2013 –, em que uma maior divergência pode ser notada, tal média era de 7,4. Pode-se concluir, assim, que, embora não haja uma

linha explicitamente crescente ou decrescente, a média do número de questões sobre variação e mudança nas provas do Enem diminuiu com os anos.

Essa conclusão vai de encontro com a nossa hipótese inicial, de que a quantidade de questões que abordassem esse tema cresceria com os anos. Baseado no aumento dos estudos Sociolinguísticos nos ambientes acadêmicos e dentro das salas de aula, aliado à abordagem recente do PNLD (2009; 2011) e à criação da BNCC (2018), tal acréscimo seria esperado. Contudo, não acompanhando o estabelecido por tais documentos, o Enem vem tratando o tema com menos frequência nos últimos anos.

Mesmo com tal diminuição, foram encontradas, ao todo, 87 questões sobre variação e mudança nas provas do Enem analisadas. Então, a próxima etapa da investigação a ser feita é sobre a diversidade de temas que tais questões abordam, dentro dos estudos Sociolinguísticos. É a esse estudo que se ocupará a próxima subseção.

Outro ponto levantado na nossa hipótese foi quanto à diversificação do tratamento do tema de variação e mudança nas provas do Enem. Essa observação se mostra relevante visto que os estudos Sociolinguísticos abrangem variados assuntos e abordagens, e nem todos encontram-se presentes nas salas de aula brasileiras. Dessa maneira, a partir da investigação do nosso *corpus* e da catalogação das questões encontradas de acordo com sua natureza, catalogamos 6 categorias temáticas: preconceito linguístico; aspectos gramaticais; norma-padrão; adequação; tipos de variação; e marcação de identidade cultural. Por meio dessa divisão, foi possível entender a pluralidade de tratamento dessa temática ao longo dos anos.

Inicialmente, cabe a apresentação dos temas e de algumas questões que os abrangem.

#### (a) Preconceito linguístico

##### QUESTÃO 124 ◇◇◇◇◇

###### Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão

**Imagem 1** – Questão 124. Enem 2015, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2015)

normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Lingua Portuguesa*, n. 77, mar. 2012 (adaptado).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- A** as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- B** o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- C** o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- D** as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- E** o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

**Imagem 2** – Questão 124. Enem 2015, caderno amarelo. (Continuação).

**Fonte:** Enem (2015)

Nessa questão, o autor traz uma reflexão acerca do verbo “pinchar” e da diminuição de seu uso. Tal verbo era usado majoritariamente no ambiente rural – mais precisamente no interior de São Paulo –, o que fez o narrador deixar de usá-lo, visando ao vernáculo da capital do estado. Ao perguntar sobre a palavra para as pessoas, ele recebe respostas que o levam a acreditar que esse termo está caindo em desuso, uma vez que muitos o associam ao falar de seus respectivos avós.

Posteriormente, no texto, o autor apresenta o fato de que a Gramática Normativa cria preconceitos, e que muitos falantes, associando determinadas palavras a grupos dos quais não julgam fazer parte, retiram-na de seus usos. Por isso, como o verbo em discussão é associado ao ambiente rural, onde o nível de escolaridade é baixo e não há o refinamento visto nas áreas urbanas (Viario, 2012), o autor teme que essa palavra, a qual fez parte de sua infância, entre em extinção. O enunciado espera entender qual reflexão sobre a linguagem o texto empreende no participante, a partir da discussão sobre o desuso do verbo “pinchar”. Assim, o gabarito se encontra na alternativa “c”: “o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais” (Enem, 2015, p. 15).

Nota-se, desse modo, que não somente o texto promove uma crítica sobre os estigmas associados a determinados falares, como a questão espera que o participante compreenda essa associação. O verbo “pinchar”, na conclusão do autor, está sendo extinguido vide sua relação a um ambiente desprivilegiado socialmente, e os indivíduos, influenciados pela visão normativa, não possuem interesse de ser associados a um grupo com o qual não se identificam – ou mesmo, um grupo que não possua prestígio social. Portanto, verifica-se a inclusão dessa questão na categoria do preconceito linguístico.

## (b) Aspectos gramaticais

## QUESTÃO 132



VERÍSSIMO, L. F. As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é inadequado, pois

- A contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- B contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- C gera inadequação na concordância com o verbo.
- D gera ambiguidade na leitura do texto.
- E apresenta dupla marcação de sujeito.

**Imagem 3** – Questão 132. Enem 2011, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2011)

Nessa questão, encontra-se uma tirinha de Luís Fernando Veríssimo (1997), na qual duas cobras conversam em uma corrida. Com enunciados motivacionais, como “Vamos massacrá-los!” e “Vamos arrasar eles”, o texto demonstra a variação do uso dos pronomes pessoais oblíquo e reto de terceira pessoa do plural – a partícula “los” e a palavra “eles”, respectivamente –, ambos sendo usados como complementos verbais. Ao se deparar com o segundo uso, a primeira cobra interrompe a corrida para dizer “Mas antes, vamos acertar o pronome”.

O enunciado constata ao participante que o humor de tal tira está na reação da primeira cobra diante da fala do outro animal, gerada a partir desse uso divergente dos pronomes. Diante disso, o esperado pela questão, após a asseveração de que tal uso é inadequado de acordo com a norma-padrão, é a explicação dessa inadequação, mediante o conhecimento do uso normativo do pronome. O gabarito dessa questão é letra “b” – “contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto” (Enem, 2011, p. 18) –, em razão de, conforme a norma-padrão, o pronome pessoal oblíquo ser utilizado com a função sintática de objeto, enquanto o reto possui a função de sujeito.

Ainda que a questão se aproxime dos temas da inadequação e da norma-padrão, optamos por alocá-la na categoria de aspectos gramaticais em razão de suas alternativas serem todas voltadas a esses fatores, ou seja, era o conhecimento gramatical sobre colocação e função pronominal que estava sendo testada a partir desse questionamento. O uso inadequado, para a norma-padrão, encontrado no segundo quadrinho, é muito comum nas variedades populares brasileiras e,

tratando-se de uma conversa informal entre indivíduos – ou cobras – com certo grau de intimidade, não se trataria de uma inadequação. Esse tópico poderia, também, ser abordado em uma questão a partir de tal texto, devido à correção da primeira cobra não ser, então, necessária – mesmo que usada para promover o humor do texto. No entanto, o foco da questão foi a regra normativa da utilização dos pronomes, o que justifica sua alocação nessa categoria.

(c) Norma-padrão

**Questão 36** enem2021

Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoada do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: ‘um outro’, ‘de resto’...” E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma cousa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Candido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dous dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão-somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...” Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: “Não diga ‘asseguro’, Senhor Bernardes; em português é garanto”.

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo.

BARRETO, L. A Nova Califórnia. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 24 jul. 2019.

Do ponto de vista linguístico, a defesa da norma-padrão pelo personagem caracteriza-se por

- A** contestar o ensino de regras em detrimento do conteúdo das informações.
- B** resgatar valores patrióticos relacionados às tradições da língua portuguesa.
- C** adotar uma perspectiva complacente em relação aos desvios gramaticais.
- D** invalidar os usos da língua pautados pelos preceitos da gramática normativa.
- E** desconsiderar diferentes níveis de formalidade nas situações de comunicação.

**Imagem 4** – Questão 36. Enem 2021, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2021)

Ao observarmos a questão, percebemos que seu texto apresenta a história de um gramático que era conhecido por corrigir o falar ou os escritos com os quais tinha contato. Percebe-se que, para ele, mesmo que o falar desviante da norma-padrão fosse atribuído a um “homem notável”, tal uso era motivo de escárnio ou desaprovação. Na conclusão do texto, fica claro que muitas pessoas, inclusive, afastavam-se dele por estarem cansadas de suas correções, as quais interrompiam incessantemente suas conversas; entretanto, nada mudava o que o homem acreditava ser seu dever moral.

Deparamo-nos, no enunciado, com o questionamento, dirigido ao participante, sobre o motivo linguístico de tal defesa da norma-padrão feita, de maneira incansável, pelo personagem. A alternativa correta desta questão é a letra “e”: “desconsiderar diferentes níveis de formalidade nas situações de comunicação” (Enem, 2021, p. 16). Assim, percebe-se que o personagem, apesar de “sábio” e grande conhecedor da Gramática Normativa da Língua Portuguesa, não compreendia que o uso da língua deve adequar-se à situação comunicativa, variando em níveis de formalidade. Tal desconhecimento, ainda, provoca desconforto aos que se aproximam dele, promovendo, também, uma inadequação social. A questão, dessa forma, abrange, a partir da análise do uso da norma-padrão, a importância de conhecer outras variedades da língua, como as variedades populares, além da inconveniência da correção em situações informais.

#### (d) Adequação

#### QUESTÃO 32

Naquela manhã de céu limpo e ar leve, devido à chuva torrencial da noite anterior, saí a caminhar com o sol ainda escondido para tomar tenência dos primeiros movimentos da vida na roça. Num demorou nem um tiquinho e o cheiro intenso do café passado por Dona Linda me invadiu as narinas e fez a fome se acordar daquela rema letárgica derivada da longa noite de sono. Levei as mãos até a água que corria pela bica feita de bambu e o contato gelado foi de arrepiar. Mas fui em frente e levei as mãos em concha até o rosto. Com o impacto, recuei e me faltou o fôlego por alguns instantes, mas o despertar foi imediato. Já aceso, entrei na cozinha na buscação de derrubar a fome e me acercar do aconchego do calor do fogão à lenha. Foi quando dei reparo da figura esguia e discreta de uma senhora acompanhada de um garoto aparentando uns cinco anos de idade já aboletada na ponta da mesa em proseio íntimo com a dona da casa. Depois de um vigoroso “Bom dia!”, de um vaporoso aperto de mãos nas apresentações de praxe, fiquei sabendo que Dona Flor de Maio levava o filho Adão para tratamento das feridas que pipocavam por seu corpo, provocando pequenas pústulas de bordas avermelhadas.

GUIÃO, M. Disponível em: [www.revistaecologico.com.br](http://www.revistaecologico.com.br). Acesso em: 10 mar. 2014 (adaptado).

A variedade linguística da narrativa é adequada à descrição dos fatos. Por isso, a escolha de determinadas palavras e expressões usadas no texto está a serviço da

- A** localização dos eventos de fala no tempo ficcional.
- B** composição da verossimilhança do ambiente retratado.
- C** restrição do papel do narrador à observação das cenas relatadas.
- D** construção mística das personagens femininas pelo autor do texto.
- E** caracterização das preferências linguísticas da personagem masculina.

**Imagem 5** – Questão 32. Enem 2017, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2017)

O texto apresentado na questão trata-se da narração de um evento rotineiro, em que o personagem acorda e se depara com a vida na “roça”. Nessa passagem, narrada pelo próprio personagem, há a presença de variedades não padrão, como expressões coloquiais e representantes de alguns falares rurais, como “tiquinho” e “buscação”. Em seu enunciado, a questão afirma que o uso de tal variedade é adequado à descrição evidenciada – ou seja, o aspecto da adequação já é concedido ao participante pela própria questão. Para escolher entre as alternativas, então, é necessário que se entenda como essa adequação é feita, com qual finalidade e, mesmo, à qual realidade há a tentativa de adaptação. Nesse sentido, a alternativa correta é a “b”: “composição da verossimilhança do ambiente retratado” (Enem, 2017, p. 14).

Na tentativa de retratar uma realidade ou um ambiente de forma verossímil – ação muito cara à literatura –, é necessário que a variedade linguística presente na narrativa se aproxime do verdadeiro, da mesma forma que, na vida real, precisamos nos adequar aos diferentes contextos sociocomunicativos. Ao se tratar de um enredo ambientado em uma região rural, assim, justifica-se a variedade utilizada para trazer credibilidade ao texto.

#### (e) Tipos de variação

#### QUESTÃO 110

##### Em bom português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, já não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

— Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saberão dizer que viram um filme com um ator que trabalha bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

SABINO, F. *Folha de S. Paulo*, 13 abr. 1984 (adaptado).

**Imagem 6** – Questão 110. Enem 2014, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2014)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que

- A** o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- B** a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações.
- C** o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- D** a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- E** o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

**Imagem 7** – Questão 110. Enem 2014, caderno amarelo. (Continuação)

**Fonte:** Enem (2014)

A questão acima apresenta um texto que trata sobre expressões que entraram em desuso na Língua Portuguesa falada no Brasil. Para isso, o autor apresenta diversas expressões usadas anteriormente no PB e seus correspondentes recentes – à época da escrita do texto, datado de 1984 –, defendendo, de forma bem humorada, que, ao não perceber tais correspondências, o falante poderia ter dificuldades de comunicação. Dessa forma, percebe-se que o texto aborda a questão da mudança lexical, em tempo aparente – o que pode ser percebido por ele conhecer as expressões antigas e perceber seu desaparecimento paulatino.

Ao chegar ao enunciado, encontra-se uma afirmação de que a língua varia “no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais” (Enem, 2014). Percebemos a menção, então, às variações diacrônica, diatópica e diastrática. Continuando sua indagação, a questão pergunta ao participante qual dessas variações é a mais evidenciada pelo texto, a partir dos exemplos apresentados. Nesse sentido, o gabarito encontra-se na letra “b”: “a utilização de inovações no léxico é percebida na comparação de gerações” (Enem, 2014, p. 11).

Percebe-se tal apontamento na apresentação das expressões que entraram em desuso no léxico do PB, iniciada com a frase “No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas” (Sabino, 1984). A partir da aproximação do campo semântico, assim, podemos afirmar que a reflexão trazida pelo texto é sobre as diferenças entre os falares de gerações diferentes, em que há uma tentativa do eu lírico de se adequar. Nota-se, ainda, a pertinência de tal questão estar alocada na categoria de tipos de variação, vide as outras alternativas oferecidas pela questão. Há, entre elas, menção aos tipos já apresentados pelo enunciado, o que explicita a intenção da questão em averiguar se o participante possui a habilidade de reconhecê-las.

#### (f) Marcação de identidade cultural

##### QUESTÃO 45

###### As línguas silenciadas do Brasil

Para aprender a língua de seu povo, o professor Txaywa Pataxó, de 29 anos, precisou estudar os fatores que, por diversas vezes, quase provocaram a extinção da língua patxôhá. Mergulhou na história do Brasil e descobriu fatos violentos que dispersaram os pataxós, forçados a abandonar a própria língua para escapar da perseguição. “Os pataxós se espalharam, principalmente, depois do Fogo de 1951. Queimaram tudo e expulsaram a gente das nossas terras. Isso constrange o nosso povo até hoje”, conta Txaywa, estudante da Universidade Federal de Minas Gerais e professor na aldeia Barra Velha, região de Porto Seguro (BA). Mais de quatro décadas depois, membros da etnia retornaram ao antigo local e iniciaram um movimento de recuperação da língua patxôhá. Os filhos de Sameary Pataxó já são fluentes — e ela, que se mudou quando já era adulta para a aldeia, tenta aprender um pouco com eles. “É a nossa identidade. Você diz quem você é por meio da sua língua”, afirma a professora de ensino fundamental sobre a importância de restaurar a língua dos pataxós. O patxôhá está entre as línguas indígenas faladas no Brasil: o IBGE estimou 274 línguas no último censo. A publicação *Povos indígenas no Brasil 2011/2016*, do Instituto Socioambiental, calcula 160. Antes da chegada dos portugueses, elas totalizavam mais de mil.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 11 jun. 2019 (adaptado).

**Imagem 8:** Questão 45. Enem 2022, caderno amarelo.  
**Fonte:** Enem (2022)

O movimento de recuperação da língua patxôhã assume um caráter identitário peculiar na medida em que

- A** denuncia o processo de perseguição histórica sofrida pelos povos indígenas.
- B** conjuga o ato de resistência étnica à preservação da memória cultural.
- C** associa a preservação linguística ao campo da pesquisa acadêmica.
- D** estimula o retorno de povos indígenas a suas terras de origem.
- E** aumenta o número de línguas indígenas faladas no Brasil.

**Imagem 8:** Questão 45. Enem 2022, caderno amarelo. (Continuação).

**Fonte:** Enem (2022)

O texto oferecido por essa questão trata sobre a língua patxôhã, do povo indígena Pataxó. Ao discorrer sobre a tentativa de recuperação dessa língua, o texto conta sobre a tentativa de glotocídio vivido por esse povo que, devido à perseguição a sua comunidade e de queimadas promovidas para expulsá-los de suas terras, deixaram aos poucos a sua língua. Mais de quarenta anos depois, entretanto, membros da etnia Pataxó iniciaram um movimento de recuperação da língua, de forma que, hoje, o patxôhã se encontra entre as diversas línguas indígenas faladas nacionalmente, as quais contribuem para configurar o Brasil como país plurilíngue.

No enunciado, a questão pergunta ao participante em que medida esse movimento de recuperação de uma língua autóctone torna-se identitário. Assim, a alternativa que responde à pergunta corretamente se encontra na letra “b”: “conjuga o ato de resistência étnica à preservação da memória cultural” (Enem, 2022, p. 19).

Com efeito, os indivíduos pertencentes à etnia Pataxó que retornaram ao seu antigo local e iniciaram um movimento para recuperar a língua de seu povo demonstraram um ato de resistência frente o constrangimento promovido pelo Fogo de 1951, além de contribuir para impedir que o povo Pataxó e sua língua se apaguem da cultura nacional. Essa mobilização é importante para a identidade não só da etnia Pataxó, como para a identidade do Brasil, visto que retoma uma língua e uma cultura presentes aqui desde antes da invasão portuguesa. Portanto, legitima-se a apresentação dessa questão nesta categoria referente à marcação de identidades culturais.

Após a apresentação de todas as categorias escolhidas para o agrupamento por temas das questões encontradas em nossa análise, cabe observar a quantidade de cada uma das seis categorias estabelecidas por ano de aplicação do Enem, com intuito de entender a diversidade temática ao longo dos anos. Para tanto, criamos, perante nossa observação, uma tabela com os temas e os anos analisados, enfatizando a quantidade encontrada. Vejamos:

	Preconceito	Aspectos	Norma	Adequação	Tipos	Identidade
2009		2	1	3	2	4
2010		2		1	2	1
2011		1	1		1	5
2012	1	1		4	2	1
2013		1			1	
2014		1		2	1	2
2015	2	2		2	2	1
2016	1			1	2	1
2017			1	2		4
2018			1	2		2
2019			1	1	1	2
2020		1	1			1
2021		1	1		2	2
2022			1	1		2
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>16</b>	<b>28</b>

**Tabela 1:** Contagem de temas por ano (2009 - 2022)

**Fonte:** elaboração nossa

Por meio do estudo da tabela, pode-se perceber uma discrepância na quantidade de questões encontradas para cada tema. A categoria com maior número é a de marcação de identidade cultural, com 28, seguida por adequação, com 19; tipos de variação, com 16; aspectos gramaticais, com 12; norma-padrão, com 8; e, por fim, preconceito linguístico, com 4 questões encontradas. Isso demonstra que, apesar da diversidade de categorias, a distribuição entre elas é muito irregular, havendo um privilégio de umas em detrimento de outras. Enquanto questões sobre marcação de identidade cultural e adequação estão presentes em quase todas as provas, o tema de preconceito linguístico aparece de forma muito branda, quase sendo deixado de lado ao longo dos anos – este último, inclusive, não foi mais encontrado desde a aplicação de 2016.

Nota-se, também, uma constante nas questões de norma-padrão desde 2017, ao mesmo tempo em que se encontra uma diminuição do tema de tipos de variação. Outro tema que teve um decréscimo recentemente foi a categoria da adequação que, mesmo com grande número de questões ao longo do tempo, apresentou somente duas questões nos últimos 4 anos, desde 2019.

De fato, embora seja necessário considerar a diferença entre o número total de questões encontradas em cada prova, as aplicações de 2009, 2012 e 2015 foram os exames analisados com maior diversidade de temas, cinco ao todo. No quesito diversidade, tais anos foram seguidos por 2010, 2011, 2014, 2016, 2019 e 2021, com 4 temas cada; 2017, 2018, 2020 e 2022, com 3 temas; e 2013, com somente dois temas (seu número total de questões). Percebe-se, assim, que, salvo o ano de 2013, todas as aplicações com somente 3 temas ocorreram a partir de 2017; 2019 e 2021, diferentemente, apresentaram 4 temas. Pode-se dizer, dessa maneira, que houve um decréscimo na diversidade temática entre os anos analisados.

Vale ressaltar, ainda, que foram encontradas questões as quais se enquadram em mais de uma das categorias criadas. Nesses casos, optamos por designá-las de acordo com o tema mais proeminente observado em seu enunciado e nas alternativas disponíveis como resposta para o participante. Para ilustrar tais questões, apresentaremos um exemplo a seguir:

**QUESTÃO 126**

No ano de 1985 aconteceu um acidente muito grave em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, perto da aldeia guarani de Sapukai. Choveu muito e as águas pluviais provocaram deslizamentos de terras das encostas da Serra do Mar, destruindo o Laboratório de Radioecologia da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto, construída em 1970 num lugar que os índios tupinambás, há mais de 500 anos, chamavam de Itaorna. O prejuízo foi calculado na época em 8 bilhões de cruzeiros. Os engenheiros responsáveis pela construção da usina nuclear não sabiam que o nome dado pelos índios continha informação sobre a estrutura do solo, minado pelas águas da chuva. Só descobriram que Itaorna, em língua tupinambá, quer dizer 'pedra podre', depois do acidente.

FREIRE, J. R. B. Disponível em: [www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br). Acesso em: 1 ago. 2012 (adaptado).

Considerando-se a história da ocupação na região de Angra dos Reis mencionada no texto, os fenômenos naturais que a atingiram poderiam ter sido previstos e suas consequências minimizadas se

- A** o acervo linguístico indígena fosse conhecido e valorizado.
- B** as línguas indígenas brasileiras tivessem sido substituídas pela língua geral.
- C** o conhecimento acadêmico tivesse sido priorizado pelos engenheiros.
- D** a língua tupinambá tivesse palavras adequadas para descrever o solo.
- E** o laboratório tivesse sido construído de acordo com as leis ambientais vigentes na época.

**Imagem 10:** Questão 126. Enem 2015, caderno amarelo.

**Fonte:** Enem (2015)

Nessa questão, encontramos um texto que conta sobre um acidente ocorrido em 1985, em Angra dos Reis, município do estado do Rio de Janeiro. Em razão de grandes chuvas, houve um deslizamento que provocou a destruição de uma construção feita em um lugar chamado pelos indígenas tupinambás de "Itaorna". Assim, o texto é concluído com a afirmação de que tal palavra, na língua daquela comunidade indígena, significa "pedra podre". O enunciado pergunta ao participante como esse evento trágico, que gerou tanto prejuízo, poderia ser previsto e amenizado, de acordo com as informações presentes no texto. O gabarito, então, encontra-se na letra "a": "[se] o acervo linguístico indígena fosse conhecido e valorizado" (Enem, 2015, p. 16).

Com efeito, ainda que essa questão pudesse ser analisada a partir de um viés de marcação identitária, dado apresentar fatores linguísticos de uma comunidade indígena brasileira, decidimos designá-la à categoria de preconceito linguístico. Essa decisão se justifica uma vez que o enunciado e a alternativa correta convergem para o entendimento de que a não valorização da língua daquela comunidade linguística levou à não previsão do acidente, algo que, não fosse o tratamento do Brasil como um país monolíngue, poderia ter sido evitado. Portanto, a questão enquadra-se, com maior ênfase, no tema de preconceito linguístico – voltado, nesse caso, a uma língua autóctone.

### Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo entender a abordagem dos temas de variação e mudança linguística nas provas do Enem, dentre os anos de 2009 e

2022. Inicialmente, nossa hipótese versava sobre os possíveis aumentos da quantidade e da diversidade temática de questões sobre variação e mudança no Enem ao longo dos anos. Essa hipótese foi baseada no aumento das discussões sobre Sociolinguística nas salas de aula nos últimos anos, na consolidação do Novo Enem como maior vestibular do país e na criação de documentos, como a BNCC (2018). A partir da análise feita, no entanto, podemos afirmar que a hipótese foi refutada, de formas diferentes de acordo com cada aspecto.

Quanto à quantidade, encontramos, ao todo, 87 questões sobre variação e mudança nas provas analisadas. Mesmo que não tenha sido possível perceber uma linearidade ou uma constância no número de questões, chegamos à conclusão que a quantidade diminuiu ao longo dos anos, chegando a uma média de 4,6 questões por prova ao longo dos últimos 5 anos. Essa diminuição se mostra preocupante, já que o ideal seria a inclusão de discussões variacionistas envolvendo todos os temas abordados na prova.

Ao observarmos a quantidade, vimos, então, que não há uma linearidade nem uma constância no número de questões ao longo dos anos observados. Ainda assim, comparando o primeiro ano analisado – 2009 – e o último – 2022 –, percebemos que, em verdade, o número de questões sobre variação e mudança diminuiu. Não há indícios do motivo dessa diminuição, porém cabe afirmar que ela é muito grave, visto que desconsidera a pertinência desses temas para o ensino de Língua Portuguesa, o que pode influenciar o Ensino Básico.

Quanto à diversidade temática, encontramos 6 categorias, dentre as quais dividimos as 87 questões. Apesar de ser um número interessante de subtemas, percebemos que eles não foram bem distribuídos entre si. Constatamos também que, dentre esses 6 subtemas, alguns possuíam prioridade em detrimento de outros, de forma que, em um olhar mais geral, a prova não se mostra tão diversa assim. As categorias de adequação e marcação de identidade cultural são muito importantes e pertinentes de acordo com a Sociolinguística e a própria Matriz de Referência do Enem. Todavia, a categoria do preconceito linguístico, discussão primordial nos estudos de variação em sala de aula, foi encontrada em somente 4 das questões analisadas. Dessa forma, percebe-se que uma maior diversidade na abordagem do tema é necessária, mas é dificultada pela diminuição recente na quantidade de questões. A nossa hipótese inicial foi, em suma, refutada, pois esperávamos que a quantidade e a diversidade de questões aumentassem ao longo do tempo, baseado na criação de documentos, como a BNCC (2018). O que observamos, em contrapartida, foi uma diminuição, ainda que pequena, dos dois aspectos.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para os estudos linguísticos e, sobretudo, para a área da Sociolinguística e do Ensino brasileiro, ao observar como o Enem trata um tema tão caro às nossas pesquisas. Mostrou-se, aqui, que, apesar de certos estigmas destinados a esse exame, a abordagem destinada por ele aos temas variacionistas demonstra-se pertinente e relevante, mais do que a vista nas salas de aula e nos livros didáticos brasileiros. Com efeito, ainda há muito o que ser feito e produzido nesta senda, para aumentar a diversidade e a quantidade de questões sobre variação e mudança linguística no Enem e adequar o ensino brasileiro à pertinência observada na prova por meio deste trabalho.

---

## Referências

---

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa*. (ensino de 5a a 8a série). Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRASIL. *ENEM: documento básico*. Brasília: Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 1998.
- BRASIL. *Matriz de Referência ENEM*. Brasília: Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2009. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz\\_referencia.pdf](https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf). Acesso em: 09/06/2024.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09/06/2024.
- CALLOU, Dinah. *A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado*. Caderno de Letras UFF - Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, Niterói, n. 63, p. 57-73, 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2021.
- COULMAS, Florian. Sociolinguistics. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie. (org.) *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2001. p. 563-581.
- DRAGER, Katie. *Linguistic variation, identity construction and cognition* (Studies in Laboratory Phonology 2). Berlin: Language Science Press, 2015.
- ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Reviews in Advance*, Stanford, p. 87-100, 2012.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- GÖRSKI, Edair Maria.; COELHO, Izete. Variação linguística e ensino de gramática. *Working papers in linguística*, Florianópolis, 10, p. 79-91, 2009.
- HISTÓRICO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). 9 setembro 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/historico>. Acesso em: 09/06/2024.
- KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. *Metodologia da Pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum Editora, 2010.
- LABOV, William. The social motivation of a sound change. *Word*, v. 18, p. 1-42, 1963.
- LIMA, Ricardo Joseh. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, Marco Antônio; TAVARES, Maria Alice; VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.). *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-131.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. In: JUNIOR, Roberto de Freitas; SOARES, Lia Abrantes; NASCIMENTO, João Paulo. (org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: PPGLN - Faculdade de Letras (UFRJ), 2020. p. 36-56.

MORELLO, R. O lugar das línguas brasileiras no livro didático: perspectivas políticas para uma educação plurilingue. In: SILVA, Simone Bueno Borges da; PEREIRA, Júlio Neves *Língua Portuguesa e Literatura no Livro didático: desafios e perspectivas*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 157-167.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico. Santa Catarina: *Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística* (IPOL), 2010.

PATRIOTA, Luciene Maria.; PEREIRA, Paulo Ricardo. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 7, n. 2, p. 289-307, 2018.

RIBEIRO, Antonio Marcos de Almeida. A sociolinguística e o ensino de língua portuguesa: reflexões e desafios. *Revista Paraguaçu – Estudos Linguísticos e Literários*, Cruz das Almas, v. 1, n. 1, p. 66-78, 2021.

SANTOS, Aymmé Silveira; MELO, Raniere Marques de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, 2019.

ZHANG, Qing. A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. *Lang. Soc.* v. 34, p. 431-466, 2005.

ZHANG, Qing. Rhotacization and the “Beijing Smooth Operator”: the social meaning of a linguistic variable. *J. Socioling.* v. 12, p. 201-222, 2008.

---

### Para citar este artigo

---

ESTOLANO, Thais; CASTANHEIRA, Dennis. A variação linguística nas provas do Enem (2009-2022): aspectos quantitativos e temáticos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 332-357, maio-ago. 2024.

---

### Autoria

---

**Thais Estolano** é graduada e licenciada nos cursos de Letras - Latim pela Universidade Federal Fluminense (2019) e Letras - Literaturas pela Universidade Veiga de Almeida (2022). Especialista em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Universidade Federal Fluminense (2023). Tem experiência com Ensino Fundamental e atualmente é professora de Redação e Linguagens no Centro Educacional Loghus. E-mail: [thais\\_estolano@id.uff.br](mailto:thais_estolano@id.uff.br); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-2184-7761>.

**Dennis Castanheira** é graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e

Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde lidera e integra projetos de ensino, pesquisa e extensão. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e da Pós-Graduação Lato Sensu de Língua Portuguesa da UFF. É pesquisador do Grupo de Estudos Discurso Gramática e Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto. É membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL. Lidera a iniciativa didático-científica Educação ao rés do chão, em parceria com Aline Menezes, do Colégio Pedro II. Atua, na Fundação CECIERJ, como tutor da disciplina Introdução à Semântica. Exerce regularmente o papel de editor convidado de revistas acadêmicas, de organizador de coletâneas investigativas e de organizador de eventos nacionais e internacionais. É membro do corpo editorial e parecerista de periódicos especializados do Brasil e do exterior. Publica suas investigações em revistas científicas e em livros técnicos. Atuou no ensino básico nos níveis fundamental e médio. Áreas de atividade/interesse: Funcionalismo norte-americano; Linguística de Texto; Sociofuncionalismo; Ensino de língua portuguesa. E-mail: [denniscastanheira@gmail.com](mailto:denniscastanheira@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>.